

Da Conspiração

Álvaro Guerra

TODO O GOLPE DE ESTADO OU REVOLUÇÃO PRESSUPÕEM um precedente conspirativo. Uma insurreição, como a de 25 de Abril de 1974, não seria obviamente possível sem uma conspiração. Mesmo que o objectivo dos capitães de Abril fosse de carácter revolucionário e implicasse a sublevação das massas, seriam sempre teses trotskistas a serem aplicadas – e com notável sucesso –, isto é: «*Antes de mais, é preciso controlar a cidade, ocupar os pontos estratégicos e derrubar o Governo. Para tal temos de organizar a insurreição, e formar uma tropa de choque com um punhado de pessoas; com efeito, para isso não devemos recorrer às massas, um pequeno grupo é-nos suficiente*» (Trotzky citado por Malaparte em *A técnica do golpe de Estado*).

Mas a conspiração pode apresentar-se sob variadas formas, inclusive revelar-se como um estado de espírito, um exercício de estilo ou uma sofisticada manifestação de individualismo.

Anos 50. Noite interminável de Março, passos perdidos em ronda de quartel, a boca seca pela espera, pela esperança, no Campo de Tiro de Alcochete, onde nunca dei um tiro e dirigi (entre aspas) a exploração agro-pecuária, com direito a cavalo de muita manha e ao privilégio de tirar a cortiça, em ano de lucros e sobreiros desnudados. Noite da Sé de Lisboa que deu o nome ao golpe (abortado), noite de ronda, muito mais miliciano que alferes, suspenso do sinal que não chegou aos amigos do major Pastor Fernandes e aos aliciados pelos amigos do Manuel Serra. Conspiração sem frutos.

Meses depois. Santa Margarida, manobras da NATO (que aceitara como membro fundador o Portugal da ditadura salazarista), ao longe a silhueta mítica dum vencedor (o marechal Montgomery), e os códigos diários – senha: campino; contra-senha: pampilho –, obra dum furriel cripto da minha terra, da minha escola. Conspiração inocente, bairrista.

Guiné-Bissau, anos mais tarde. Do mau lado da guerra, do lado errado da História. Alguns capitães platonicamente conspirativos, até ao limite das leituras interditas (Juan Clemente Zamora,



Carlos Albino e Manuel Tomás, responsáveis pelo programa Limite – onde passou a Grândola na madrugada de 25 de Abril –, à janela do jornal *República*, no dia 24 de Abril de 1974.



António Gramsci, outros epígonos) e passo em falso de um companheiro de visitas furtivas a Aldeia Formosa e ao Salinho (capitão Amílcar Domingues). Epílogo no Tribunal Militar de Santa Clara – depois do sangue vertido – testemunhos contra a guerra (a colonial) e vários anos do capitão na prisão da Trafaria. Mais contestação do que conspiração.

Longos anos na aventura da escrita (obviamente conspirativa), a literatura como uma tauromaquia (não a de Michel Leiris, mas a do perigo e a do touro de papel) e muito engano e desengano. *Quartier Latin*, o filme falhado sobre a morte do general Delgado (com Mário Soares e Jorge Semprun, à mesa do Lipp). Jardim do Luxemburgo, Paris da Rive Gauche – asilo, exílio – projecto «República» 1972. Conspiração em marcha.

Esboço da conspiração mestra. Para acabar com o tempo das conspirações – imaginávamos muitos perigos, mas nunca o de ver Lisboa bombardeada para que a Portugal chegasse a democracia.

Esfomeado de liberdade, sedento de Justiça, conspirarei desenfreadamente, muito para além do semi-subversivo «Ponto Crítico», para além das profundidades submarinas de «O capitão Nemo e eu». E servi-me de todos os riscos, desde que a sombra do grande plátano da quinta, nas Furnas de S. Miguel, alastrara sobre as notas manuscritas do major Melo Antunes, no verão de 1973 (testemunha, cúmplice, colaborante: Mário Mesquita).

Depois a cavalgada, tantas vezes cega, no lugar decrépito da nova «República», na Rua da Misericórdia, ex-do mundo; na bancada do está-

dio de Alvalade; na estrada do reconhecimento dos emissores da rádio nacional a caminho de Vendas Novas e dos artilheiros conspirativos (com o Álvaro Belo Marques); com os meus companheiros escribas Assis Pacheco, Afonso Praça, Figueiredo Filipe, José Jorge Letria, etc.; nas «catacumbas» do Metropolitano (despistando esbiros), emissário, guia, intermediário entre a tropa e o socialismo (com o Pedro Coelho, o Marcelo Curto); numa livraria da Rua Augusta, folhinha de instruções dentro de livro (Comandante Almada Contreiras); e sempre o *República* (Raul Rêgo, Gustavo Seromenho, José Magalhães Godinho, com o Victor Direito, imagine-se!); até à tarde que antecedeu aquela madrugada, estando o futuro e todas as outras faces do tempo reflectidos nos olhos esbugalhados do Mário Henrique Leiria, reclinado no leito, de *gin* à mão, naquele primeiro andar de Carcavelos («*Olha, Mário, daqui a pouco vão bater à porta uns tipos para me levarem para Lisboa onde, esta madrugada, se produzirá uma revolução para acabar com esta merda*»). – Trim! Trim! – «*Que se faz tarde...*»).

Rua Marcos Portugal com o Fernando e o João Matos Silva, de prevenção para filmar o fim da ditadura, mas antes ouvir a *Grândola* que o Carlos Albino, a meu pedido, infiltrara no programa Limite (via Leite de Vasconcelos) – pontual Rádio Renascença, às zero e vinte cinco do dia em que os nossos capitães haviam de libertar o mundo, o nosso. E libertaram. No dia vinte e cinco de Abril de mil novecentos e setenta e quatro. Sem danos colaterais.